

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Volume 21



Santiago de Compostela

2014

A AIL — Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudantes aceites pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Elias J. Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto Samartim López-Iglésias, Univ. da Corunha
rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. Elme de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da AIL: www.lusitanistasail.org
Informações pelo *e-mail*: secretaria@lusitanistasail.org

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 21 — 1º semestre de 2014

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Andrés José Pociña Lopez, Universidade de Extremadura, Espanha.

Anna Maria Kalewska, Universidade de Varsóvia, Polónia.

Axel Schönberger, Universität Leipzig, Alemanha.

Carmen Villarino Pardo, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

Clara Rowland, Universidade de Lisboa, Portugal

Helder Macedo, King's College de Londres, Reino Unido

Maria Luísa Malato Borralho, Universidade do Porto, Portugal.

Sebastião Tavares Pinho, Universidade de Coimbra, Portugal.

Sérgio Nazar David, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Ulisses Infante, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Vera Lucia de Oliveira, Università degli Studi di Perugia, Itália

Por inerência:

Benjamin Abdala Junior, Universidade de São Paulo, Brasil.

Cristina Robalo Cordeiro, Universidade de Coimbra, Portugal.

Ettore Finazzi-Agrò, Universidade de Roma «La Sapienza», Itália.

Helena Rebelo, Universidade da Madeira, Portugal.

Laura Cavalcante Padilha, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Manuel Brito Semedo, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde.

Onésimo Teotónio de Almeida, Brown University, EUA.

Pál Ferenc, Universidade ELTE, Hungria.

Petar Petrov, Universidade do Algarve, Portugal.

Regina Zilberman, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil

Roberto Samartim López-Iglésias, Universidade da Corunha, Galiza.

Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Thomas Earle, Universidade de Oxford, Reino Unido.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrónico: veredas@lusitanistasail.org

Desenho da Capa: Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

SUMÁRIO

ANTONIO PAULINO DE SOUSA	
O editor e as novas condições de produção do livro.....	5
ÉRICO MELO	
A geografia do romance brasileiro no século XX: esboço de roteiro.....	28
HELENA REBELO	
NULITA GOMES	
Património linguístico: um estudo lexical na lombada da Ponta do Sol.....	45
LUCA FAZZINI	
Fragmentação da experiência e reescrita na pós-modernidade: a tradição inesiana e a interpretação de Herberto Helder.....	62
MOIZEIS SOBREIRA	
A ficção camiliana no âmbito dos estudos literários: uma dívida ainda por saldar.....	77

Por uma geografia do romance brasileiro no século XX: esboço de roteiro

ÉRICO MELO

Universidade de São Paulo
(Brasil)

RESUMO:

O estudo da geografia das tramas romanescas proporciona uma insuspeita rota de acesso às entranhas do funcionamento da ficção. Como demonstram trabalhos recentes no campo da geocrítica, a implicação biunívoca entre texto literário e contexto geográfico é determinante das injunções espaçotemporais das narrativas. A partir da hipótese de que o embate “sertão” x “cidade” constitui uma dominante subjacente a alguns entre os momentos-chave do romance brasileiro no século xx, este artigo propõe um breve roteiro para o mapeamento desses livros decisivos da nacionalidade. A cartografia, sustenta-se, pode fornecer uma conveniente mesa de navegação para a travessia diacrônica da história literária, permitindo igualmente avaliar no quadro do mapa as transformações dos pressupostos geopolíticos e ideológicos da prosa romanesca. O rastreamento de episódios ficcionais em cartas contemporâneas da escrita dos livros – bem como da cronologia da narração – permite colocar em relação no tabuleiro simbólico da cartografia literária os vetores mais importantes das cronotopias narrativas e da elocução da figuratividade do espaço. Machado de Assis e Guimarães Rosa são os romancistas que orientam os diferentes modos de percepção do espaço ao longo do século, em paralelo com as metamorfoses territoriais do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Romance brasileiro; Século XX; Espaço; Geocrítica; Cartografia; Contexto; enunciação literária

ABSTRACT:

The geography of novel plots, as well as the study of its enunciative context, opens new possibilities for understanding the operation of fiction in space. As demonstrated by recent works in the field of geocriticism, the reciprocal intertwining between novels and their geographic-historic context determines the chronotopic configuration of narratives. Departing from the hypothesis that the spatial dichotomy “sertão” [backlands] x “cidade” [city] is a dominant feature in some of the most prominent Brazilian novels in the 20th Century, this paper proposes the mapping of these key novels as the first step of an intertextual analysis.

Cartography provides a convenient navigation table for a travel throughout literary history, and also allows a visual analysis of the spatial ideology of novels. Tracing fictional episodes on geographic charts (preferably on maps from the same period of the books' writing and/or the chronology of the plot) allows the critic to analyze the most important elements of narrative space and space figuration. This roadmap is guided by Machado de Assis and Guimarães Rosa, but it also approaches other writers and books in order to put in confrontation different ways of perceiving space in literary history alongside with Brazilian territorial transformations.

KEYWORDS: Brazilian novel; 20th Century; Space; Geocriticism; Cartography; Context and literary enunciation

Data de recepção: 08/12/2013

Data de aceitação: 20/08/2014

O livro como mapa e o mapa como livro

A geocrítica, campo recente da crítica literária derivado da geofilosofia deleuziana, teve origem nas intensas discussões o espaço urbano que se seguiram à reconstrução das cidades europeias após a Segunda Guerra Mundial. Franco Moretti e Bertrand Westphal são considerados os fundadores e maiores apóstolos do credo geocrítico, sob cuja égide diversos trabalhos relevantes têm sido desenvolvidos nos últimos anos na Europa e nos Estados Unidos.^{1 2} Em *La Géocritique. Réel, fiction, espace*, Westphal apresenta uma espécie de manifesto da crítica literária fundada na geografia dos textos literários. Para ele, é possível defini-la como uma

poética cujo objeto não será o estudo das representações do espaço na literatura, mas sobretudo o das interações entre os espaços humanos e a literatura, e uma das apostas centrais será contribuir para a determinação/indeterminação das identidades culturais.³

Para além de representações de lugares decalcados do espaço “real”, segundo o ensaísta e professor francês são quatro os objetos do procedimento geocrítico nos textos de ficção: a focalização das tramas (as diferenças relativas entre os pontos de vista da narração são parâmetros nucleares do estudo da construção espaçotemporal do romance); a polissensorialidade das figurações espaciais (o espaço ficcional não é percebido somente por meio da visão, também os sons, os odores, as texturas urbanas participam da substância do conteúdo da cenografia romanesca); a estratigrafia do texto (o espaço literário é composto de múltiplas camadas sobrepostas – geológicas, huma-

¹ Cf. por exemplo BULSON, 2007, e TALLY, 2011, além dos já citados MORETTI e WESTPHAL.

² No Brasil, são referências básicas os ensaios de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro Monteiro (2002 e 2006) sobre as representações do espaço nas ficções de Guimarães Rosa.

³ WESTPHAL, 2000. Tradução minha.

nas, sociais, ideológicas, biológicas etc. –, nem sempre imersas no mesmo *continuum* temporal); e a intertextualidade do espaço (todos os espaços da literatura se relacionam com outros lugares da literatura ou da realidade). Assim, para Westphal, a pesquisa geocrítica

se propõe estudar não somente uma relação unilateral (espaço-literatura), mas uma verdadeira dialética (espaço-literatura-espaço), o que implica que o espaço se transforma, por sua vez, em função do texto que anteriormente o havia assimilado.⁴

Como recomenda Franco Moretti, deve-se insistir em que “a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural ‘ocorre’, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade”.⁵ Não se está, pois, diante de uma relação determinística, linear, entre o romance e seu contexto geográfico. Trata-se antes de um multívoco jogo dialógico. Para usar um trocadilho oportuno, os espaços engendrados pelo romance, quando dispensados de funcionar como simples invólucros dos conteúdos narrativos, possuem o mesmo direito de cidade dos espaços do chamado “mundo real”. O texto, em suma, é inseparável de seu contexto⁶ e do gerenciamento espacial desse contexto. Isso se torna evidente já no início do século xx, quando a relatividade geral de Einstein e a física quântica de Bohr mostraram que as categorias newtonianas e kantianas do espaço-tempo haviam perdido a capacidade de descrever a realidade fenomênica nos extremos da matéria e do pensamento. Como também demonstram filósofos e romancistas revolucionários – Henri Bergson, Marcel Proust, James Joyce –, o tempo linear e o espaço tridimensional perfeitamente mensuráveis, típicos das convenções retóricas da ficção realista, foram estilhaçados pelo triunfo dos cronótopos modernistas.⁷ Os clássicos ensaios de Mikhail Bakhtin e Paul Ricoeur propõem que, nesse sentido, a referência temporal seja decisiva para avaliar o espaço dos melhores romances do século.⁸ O tempo se espacializa; o espaço se distende em camadas temporais heterogêneas. Nas obras seminais da ficção novecentista, espaço e tempo se tornam intercambiáveis como na poesia e na música.

Simultaneamente, o desenvolvimento avassalador da técnica capitalista converteu essas categorias primordiais da experiência em meros produtos das práticas materiais. O controle do espaço-tempo por meio de relógios de alta precisão e redes de satélites de geolocalização se tornou um requisito básico das estratégias de reprodução do capital na era industrial e pós-industrial. A cartografia é o campo de batalha dos agenciamentos maquínicos da produção de valor, aparecendo nas telas de controle econômico e militar como tabuleiro funcional dos jogos de supremacia geopolítica. O

⁴ WESTPHAL, op. cit.

⁵ MORETTI, 2003, p. 13.

⁶ MAINGUENEAU, 1993, p. 18.

⁷ Cf. NUNES, 1995.

⁸ BAKHTIN, 1981.

mapa se torna a cena operacional, interativa e *on-line*, da manipulação capitalista do espaço – e também, oportunamente, uma importante ferramenta para a crítica literária, se se pensa nas possibilidades de um aplicativo como o Google Earth®.

A história como cena da ficção⁹

Em seus primeiros séculos, o povoamento do Brasil se apegou à estreita faixa litorânea delimitada pelos contrafortes das serras florestadas que demarcavam os limites do mundo conhecido pelo colonizador europeu.

Grosso modo, todo o vasto território situado além dos espigões das serras do Mar e da Mantiqueira – e, no Norte, fora das áreas de influência das rotas de navegação do São Francisco e dos grandes rios da bacia amazônica – sempre foi considerado um “desertão” pelos observadores e operadores da empresa colonial. Daí deve provir esta palavra de tantas ressonâncias no imaginário popular e erudito do país: sertão.¹⁰ Uma natureza intratável, insalubre, habitada por tribos ferozes, resistentes à presença do invasor branco e não raro antropófagas: apenas o fascínio exercido pelos relatos de fabulosas riquezas minerais no interior, presentes aliás desde a carta de Pero Vaz de Caminha (trata-se de uma tópica frequente nos textos dos cronistas das explorações coloniais), foi capaz de estimular as primeiras expedições de desbravamento diante das dificuldades reais ou imaginárias do território inexplorado.¹¹ A agravar o isolamento do sertão, a economia de exportação açucareira e extrativista praticamente se resumia aos engenhos e entrepostos comerciais da costa. As vilas e cidades administrativas mais importantes correspondiam aos portos acessíveis às embarcações europeias. A posição geográfica da maioria das atuais capitais estaduais – concentradas via de regra numa faixa de não mais de 100 km de distância da costa – é um testemunho vivo disso.

As entradas e bandeiras que desde o século XVII visavam à pesquisa de minérios preciosos e ao apresamento de índios formaram os principais eixos condutores dos assentamentos além das serras litorâneas. As cidades que brotaram sobre as jazidas de ouro e pedras preciosas de Minas Gerais e Goiás, a partir do início do século seguinte, são a mais importante exceção ao aferramento costeiro da presença portuguesa na América – vigente, na verdade, até bem depois da Independência e adiantado o século XIX, quando o país recém-emancipado se constituía de províncias mal integradas pelo mar e começava a tomar conhecimento dos vazios geográficos no interior de sua formação nacional. De todo modo, a instalação de uma sociedade mineradora nos maciços serranos do interior levou a ocupação territorial do sertão a um passo decisivo.

⁹ Seção subsidiada por HOLANDA, 1997, e HOLSTON, 2013.

¹⁰ Cf. por exemplo o saboroso verbete “Sertão” do Dicionário Bluteau-Morais de 1789: “s. m. o interior, o coração das terras, opõe-se ao marítimo, e costa, v.g. Cidade do Sertão. § O sertão toma-se por mato longe da costa. § O Sertão da calma i. e. o lugar onde ella he mais ardente”. Outras versões atribuem a origem à palavra africana “mulcetão”, ou ainda, a uma derivação do verbo latino para “enrançar”, no sentido de “vegetação difícil de penetrar”. (IBGE, 2009, p. 11).

¹¹ Até meados do século XVII, por exemplo, os cursos dos principais rios do Brasil e as divisões orográficas entre suas bacias ainda não haviam sido elucidados pelos exploradores europeus, mesmo nos mapas pretensamente mais acurados. Cf. GUEDES, 2012.

Criadores de gado, mascates, tropeiros e todos os tipos de boiadeiros, vaqueiros e sertanejos ligados à cultura do charque e do couro, a partir do vale do São Francisco (o pampa gaúcho sendo o outro grande centro de produção pecuária, mas num ambiente natural menos severo) avançaram pouco a pouco pelo cerrado e pela caatinga a disseminar as cantigas, rezas, romances e quadrinhas dos ancestrais. Repleta de elementos do catolicismo amalgamados ao substrato indígena e à contribuição dos escravos africanos, a mística visão de mundo desses sertanejos embrutecidos pela miséria mas tocados pela sensibilidade poética dos contadores de estórias forneceu a autores como Rosa e Suassuna a intensiva sugestão metafísica de suas ficções perpassadas de poesia popular.

A despeito do avanço da borracha na bacia amazônica, e do café no interior de São Paulo e em Minas Gerais desde a segunda metade do século XIX, o primitivo universo sociocultural do sertão somente começou a se alterar drasticamente no início do último século. Em poucas décadas, o magro conjunto de centros urbanos do país (em 1913, por exemplo, São Paulo mal somava 400 mil habitantes, enquanto o Rio de Janeiro chegava a seu primeiro milhão) se converteu numa rede de metrópoles e numerosas cidades médias e pequenas conectadas por ferrovias, aeroportos, linhas de telecomunicação e estradas de rodagem que rasgaram territórios antes “desocupados”.

Atraídos pelas oportunidades de trabalho e consumo oferecidas pela incipiente industrialização baseada na substituição de importações, amplos contingentes de antigos proletários e subproletários rurais, além de imigrantes de diversas partes do mundo, passaram a figurar de modo inédito no perfil demográfico da população urbana, notavelmente nas periferias da região Centro-Sul. Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, entre outras capitais, atravessadas por novos trilhos, avenidas, linhas de bonde, automóveis, túneis, fios elétricos e telefônicos – para não falar da arquitetura cada vez mais verticalizada –, sofreram reformulações espetaculares na disposição espacial de seus antigos setores habitacionais, produtivos e comerciais. Essas transformações quase sempre foram e têm sido maquinadas pela promiscuidade (ou mesmo sobreposição) dos interesses dos proprietários de loteamentos, das empreiteiras e dos empresários do transporte público, naturalmente abençoada pelo Estado. Os camponeses marginalizados pela herança escravista e pela distribuição quase medieval de terra e renda se transferiram em massa para as periferias das florescentes grandes cidades. Data ainda dos anos 1900, com as políticas higienistas de “bota-abaixo” na antiga capital federal, a instalação das primeiras “favelas” nos morros cariocas. No final do século, elas haviam se convertido em bolsões apinhados em tudo semelhantes aos famigerados bantustões da África do Sul durante o *apartheid*. Começava o tempo das “cidades partidas”.

Esta pequena passada de olhos pela história da ocupação do território brasileiro prepara a formulação da seguinte hipótese de trabalho: o romance nacional atingiu um ápice estético e uma espécie de supremacia política entre os gêneros literários no período crítico que coincide com a progressiva interpenetração dos polos “sertão” e “cidade”, ocasionada pela explosiva urbanização baseada no êxodo rural e, a partir dos anos 1950, pelos novos fluxos populacionais e econômicos em direção ao interior. Essa descoberta do Brasil rural pelo Brasil urbano (e vice-versa, deste pelos milhões de migrantes deslocados do campo para as metrópoles) propiciou a elaboração de uma série memorável de obras romanescas que tematizaram a integração das partes do Estado-nação no contexto geográfico da expansão física e simbólica das cidades sobre o sertão.

O romance brasileiro no espaço¹²

As articulações frequentemente dicotômicas entre as categorias espaciais “cidade” e “sertão” dominam boa parte da ficção brasileira desde o aparecimento dos primeiros romances ambientados no país, em meados do século XIX.

O esforço taumatúrgico de José de Alencar – que em livros como *O gaúcho* (1870), *O tronco do ipê* (1871) e *O sertanejo* (1875) realiza o primeiro mapeamento literário sistemático do Brasil – lançou as bases de toda a literatura regionalista do século seguinte. Por sua natureza multifária e pela inesgotável riqueza das tradições culturais sertanejas, o Brasil que vive na caatinga, no cerrado e na floresta amazônica tem desde então sido considerado uma importante chave estética da literatura do “país do futuro”.

Nas décadas de 1930-40, com a segunda fase do modernismo, o advento do romance rural neorrealista consolidou o estatuto do “sertão” entre os temas mais visitados pelos narradores brasileiros. Em tramas localizadas na caatinga e no agreste nordestinos, a tônica dos enredos é a luta de classes em meio aos ciclos intermitentes de seca e chuva que agravam as desigualdades fundiárias daquela região, assolada pela miséria e pelo mandonismo dos grandes proprietários. A violência dos jagunços, as disputas políticas entre os “coronéis” locais e as inclemências do semiárido são aspectos centrais das narrativas desse ciclo regionalista. O romance rural produzido pela “geração de 1930”, representada de modo paradigmático por José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, tem sua principal força motriz na denúncia militante das mazelas socioeconômicas do “sertão”.

A partir dos anos 1950, romancistas como João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna passaram a divergir do neorrealismo então predominante ao afastar a crítica social do primeiro plano da reflexão estética e conferir destaque à vertente mitopoética das narrativas. Esses dois criadores formidavelmente originais incorporaram à fatura mo-

¹² Subsidiar esta seção as histórias literárias de BOSI, 2007, e PICCHIO, 1997.

dermista da prosa o substrato arcaico da cultura popular do mais atrasado interior brasileiro, conferindo papel primordial à recuperação arqueológica da oralidade fabulatória dos sertanejos. Atento à fantástica potência ficcional das vastidões dos sertões mineiros, goianos, amazônicos e nordestinos, o romance incorpora os falares dessas regiões-alvo em transsubstanciações estetizantes de suas virtualidades sonoras e semânticas. No caso de Rosa, a cenografia da “realidade sertaneja”¹³ dos enredos corresponde quase sempre um cerrado úmido e luxuriante que afronta os estereótipos do “sertão” ressequido consagrados em produções posteriores do cinema e da televisão.

À maneira de divindades propiciatórias desses protagonistas “rurais” da modernidade romanesca brasileira, pairam as figuras tutelares de Euclides da Cunha – que, apesar de seu famigerado racismo positivista, apontou o caminho da redescoberta moderna do “quem” das paisagens sertanejas em meio ao violento enredo histórico protagonizado pelos jagunços de Canudos; e Mário de Andrade, o demiurgo irônico de *Macunaíma* (1928) que, com incursões fertilizadoras ao patrimônio mitológico e lexical dos negros, índios e caboclos, deu configuração narrativa à consciência moderna das complementaridades e contrastes entre as partes componentes do Brasil. Os êxitos de Antônio Callado, Márcio Souza e Milton Hatoum em décadas recentes demonstram que o espaço multívoco e semidesconhecido do interior do país continuou a mobilizar parcela importante de nossa inteligência literária mesmo após ter perdido sua antiga evidência para as cidades.

Tais foram, em traços talvez demasiado sumários, as linhas de força do desenvolvimento do romance “sertanejo” no Brasil. Entrementes, a ficção urbana se espraiava por todo o país no rastro das metamorfoses demográficas ocasionadas pelo crescimento explosivo dos maiores centros populacionais, com o aumento das taxas de natalidade e a diminuição da mortalidade, as migrações internas e a imigração.

Dos primórdios ainda ingênuos nos anos 1850-60, com suas tramas folhetinescas e afrancesadas ambientadas em cenários opulentos da Corte onde mal se nota a onipresente massa dos escravos,¹⁴ à maturidade e à profundidade da construção do espaço urbano alcançadas por Machado de Assis em livros como *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900) e, sobretudo, *Esau e Jacó* (1904), pode-se dizer que um longo caminho foi percorrido em poucas décadas. A cidade, até então um pano de fundo estático para tramas de casamento e herança, se torna um dinâmico tema protagonista dos romances. Lima Barreto, em *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Clara dos Anjos* (1926, póstumo), dá consequência visceral às elucubrações machadianas sobre o Rio de Janeiro, e antecipa a narrativa urbana de registro neorrealista cujo paradigma é *Os ratos* (1935), de Dyonélio Machado. A realidade objetiva da opressão capitalista, a

¹³ O escritor mineiro enxergava quatro níveis de sentido em suas ficções: “a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico e religioso: 4 pontos”. (ROSA, 2003, p. 90.)

¹⁴ Cf. SCHWARZ, 2000.

que se aferram as violências físicas e simbólicas experimentadas pelos habitantes das grandes cidades, assume o controle dos enredos.

Por outro lado, em textos urbanos como *O encontro marcado* (Fernando Sabino, 1956) e *A paixão segundo G. H.* (Clarice Lispector, 1964), a fabulação se concentra no espaço imponderável da vida interior das personagens: a topografia de ferro e concreto da cidade fornece ao cenário de autorreflexão que domina essas narrativas o seu quinhão de “outridade”. A casa e o corpo, em oposição às ruas e suas multidões ameaçadoras – em grande medida, pode-se inferir, compostas por sertanejos migrantes e seus descendentes –, tornam-se os nós principais do urdume ficcional.

A fundação vanguardista, cuja fatura cubista, futurista e expressionista se cristaliza num estilo telegráfico que antecipa diversos “ismos” das décadas posteriores, coube no entanto a *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933), de Oswald de Andrade. Nesses livros híbridos entre prosa e poesia, a escrita fértil de conexões com as trepidações da indústria e dos automóveis está a serviço da problematização das condições sociais e psicológicas do indivíduo num país de modernização conservadora e urbanização perversa. Em direta filiação modernista, mas já no contexto da resistência estética à ditadura militar, engendra-se a partir dos anos 1960 um *mix* de romances urbanos que vão da psicodelia multimídia de *Panamérica* (José Agrippino de Paula, 1967) ao formalismo de fronteira de Ignácio de Loyola Brandão em *Zero* (1974).

*

Os ensaios pioneiros de Victor Nunes Leal, Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro evidenciam, entretanto, o fato histórico não desprezível de que a dicotomia “sertão” x “cidade” é amiúde enganosa no Brasil dos séculos XIX e XX. As bases políticas e econômicas do *establishment* comercial e industrial urbano quase sempre se localizavam nos rincões sertanejos mais assolados pelas mazelas do latifúndio; de modo complementar, o mandonismo local dos caudilhos do campo era respaldado e financiado pelos primeiros escalões governamentais e comerciais, sedidos nas capitais dos Estados e províncias. Em seu efetivo funcionamento espacial, as dicotomias se relativizam. Diversas instâncias de desterritorialização, também se deve reconhecer, embaralham as categorias espaciais relativamente estanques que predominavam até os anos 1930, quando essa geração de intérpretes do Brasil começou a refletir sobre a formação nacional. A migração dos sertanejos na direção das metrópoles – e, no contexto mais recente da interiorização dos capitais produtivos via “agronegócio”, rumo às cidades pequenas e médias do interior – foi talvez a causa mais relevante da decadência do coronelismo rural, com a conseqüente ascensão do populismo urbano de massas.

Nesse sentido, é difícil avaliar a prosa de *Memórias sentimentais de João Miramar* ou *Zero*, romances urbanos de inspiração formal-vanguardista, sem considerar os intensos movimentos de territorialização e desterritorialização de que as grandes cidades têm sido palco desde seu explosivo crescimento populacional. O êxodo massivo de camponeses, a ocupação injusta do espaço, a exploração capitalista da propriedade da terra e a geopolítica do poder incrustada no mau planejamento urbano subjazem a essas narrativas de corte cinematográfico. O contato lancinante de camadas espaçotemporais heterogêneas, alusivo aos entrecosques sociais ocasionados pela modernização conservadora do país, coloca em xeque a posição do indivíduo nos mapas tradicionais da literatura. O frenesi devorador das metrópoles converte seus personagens de ficção em desbravadores da *selva oscura* da modernidade.

É necessário, ademais, atentar para os regimes enunciativos sob os quais a ficção interage com seu contexto geográfico. Isto é, as categorias “sertão” x “cidade” funcionam de maneiras distintas na prosa romanesca segundo os distintos modos de percepção do espaço ao longo do século xx. Seguindo Milton Santos, a imbricação biunívoca entre literatura e geografia – ciência descritiva, retórica por excelência – não deve ser lida de modo “naturalista” ou “determinista”, pois as próprias definições de espaço e tempo, sujeitas aos agenciamentos da divisão do trabalho no capitalismo periférico, também são passíveis de avaliação pela crítica. Por sua íntima dependência da materialidade geoespacial das relações de produção, como demonstra David Harvey, essas categorias não estão de nenhum modo isentas das maquinações do capital e do Estado, inclusive quando funcionam nas obras ficcionais.

Outrossim, no campo da análise do discurso literário Dominique Maingueneau acredita que os romances canônicos da nacionalidade, através de sua circulação nas instituições de ensino e no debate público, participam fortemente da construção ideológica do território nacional. Os livros do cânone funcionariam como instrumentos auxiliares dos mapas políticos exibidos nas aulas de geografia. Assim, o naturalismo sertanejo de um livro “regionalista” como *Luzia-Homem* (1903) precisa ser entendido no quadro histórico da visão geográfica de Domingos Olímpio e da comunidade de leitores, críticos, leitores e autores a que ele se endereça, por sua vez incorporada em maior ou menor grau às instituições oficiais na época da escritura do livro. Esses modos de ver não são em absoluto os mesmos de Guimarães Rosa e *Grande sertão: veredas*, ou ainda, Ariano Suassuna em *A pedra do reino*. Trata-se de sertões distintos, fronteiras que avançaram ou recuaram porque as próprias noções de espaço, fronteira, nação e território mudaram. Olímpio, Rosa e Suassuna, desde suas respectivas posições paratópicas, ajudaram a cartografar os novos limites.¹⁵ Nas palavras do crítico francês Bertrand Westphal,

¹⁵ É quase supérfluo lembrar que Rosa chefiou durante vários anos, a partir de 1956, o Serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores).

existe um abismo entre a Stamboul de Pierre Loti e a Istanbul de Alain Robbe-Grillet; porém, embora a cidade tenha sofrido profundas metamorfoses onomásticas e urbanísticas, entre outras, foi sobretudo o modo da representação que mudou entre as épocas de *Azyiadé* e *L'Immortelle*.¹⁶

Muito mais que um simples decalque dos lugares da geografia, a ficção brasileira do século xx fornece, nesse sentido, um autêntico cartograma das transformações sofridas pelo território do Estado-nação, com todos os seus pressupostos geopolíticos e ideológicos postos em jogo no tabuleiro plástico dos mapas. De modo recíproco, como demonstram trabalhos recentes no campo da geocrítica,¹⁷ o estudo do contexto geográfico da ficção ocasiona uma insuspeita rota de entrada na forma interna da narração romanesca, em especial no que respeita às modalidades de focalização e à elocução das figuras e tropos conformadores do espaço-tempo literário: isto é, as entranhas da enunciação.

A investigação do espaço do romance brasileiro no século xx precisa partir das interações entre texto literário e contexto geográfico, indicativas das fronteiras internas e externas dos lugares da ficção. Tendo em vista que o modernismo brasileiro encetou um movimento de retomada de consciência da geografia e da história do país inspirado no projeto nacionalista dos precursores românticos, pode-se dizer que foi no romance que os problemas territoriais do último século melhor se repropuseram como elaboração artística. Sua interpretação geocrítica deve se dar como análise da participação dos ficcionistas no imaginário das transformações espaciais de um país de industrialização tardia e integração regional precária, por meio de romances que pensaram criticamente, como talvez nenhuma outra instância de mediação estética do período, os rumos da “ordem” e do “progresso” do Brasil.

Embora não sejam raros os estudos sobre o espaço na obra de autores individuais, ou mesmo em movimentos literários¹⁸ (como no caso do romance romântico oitocentista), falta na bibliografia uma visão de conjunto sobre os processos de territorialidade do romance brasileiro, mormente durante o período decisivo da urbanização e da integração interregional do país. Ao mesmo tempo, predominam na crítica certas visões estereotipadas de “cidade” e “sertão” que uniformizam as especificidades de cada autor e de cada texto contra um fundo monótono de cenários-tipo: “o Rio de Janeiro de Machado de Assis”, “o sertão de Guimarães Rosa”, “a São Paulo de Oswald de Andrade” etc. Faz-se necessária, por conseguinte, a investigação dos espaços romanescos com respeito aos contextos histórico-geográficos em que eles efetivamente foram produzidos, aos quais se referem e diante dos quais reagem – e “geografia” corresponde aqui tanto ao estudo do espaço “natural” (relevo, hidrografia, climatologia, botânica,

¹⁶ WESTPHAL, 2000. Tradução minha.

¹⁷ MORETTI, 2003 e 2008; BULSON, 2006; WESTPHAL, 2007.

¹⁸ Cf. por exemplo SÜSSEKIND, 1993, PROENÇA, 1958, e IBGE, 2009.

zoologia, ecologia etc.) como ao da presença e dos movimentos humanos: as migrações internas e externas, a urbanização e a conurbação, a construção de estradas e ferrovias, linhas de transmissão elétrica e telefônica e, em especial, os modos de ocupação da terra.

Assim, o mapeamento da geografia do romance brasileiro deve responder às seguintes perguntas fulcrais: onde, no espaço e no tempo, se desenvolve a trama? Como se movimentam as personagens entre os cenários ficcionais, e como estes se relacionam entre si na economia dos lugares do enredo? De que maneira os cenários se fazem presentes na elocução dos tropos descritivos e narrativos? Como a figuração do espaço geográfico, urbano ou rural, foi afetada pelas profundas transformações territoriais do Brasil no último século? De que modo os escritores foram ocupando os novos territórios conquistados pelas cidades ao sertão? Como os centros urbanos cada vez maiores e mais numerosos – grande novidade na história do Brasil, sobretudo no caso das regiões metropolitanas de Brasília, Goiânia e Belo Horizonte, cidades plantadas pelo Estado no coração do sertão – foram cartografados pela literatura de invenção? Como seu espaço apinhado e mal planejado se reflete na sensibilidade dos personagens e narradores modernos? Como as estruturas espaciais entranhadas nas narrativas participam dos efeitos de construção de sentido? Como operam os romancistas ao incorporar os “recados”¹⁹ do espaço ao texto literário? Em suma, quais são os regimes de interação entre o romance e o contexto histórico-geográfico da enunciação literária?

O buriti e o morro

O estudo da geografia do romance não precisa se contentar com o rastreamento dos personagens e cenários dos textos romanescos em mapas contemporâneos dos livros – mesmo porque muitos romances modernos não se fixam num espaço geográfico determinável, ou mesmo inventam suas próprias utopias e distopias. A “literatura vista de longe” presume – interessante paradoxo – um retorno à intimidade mais imanente do texto: as marcas da enunciação cristalizadas nas figuras ou tropos, essas construções espaciais feitas de palavras.²⁰

Franco Moretti esboça uma fascinante análise das metáforas espaciais contidas nas descrições cenográficas das narrativas na Europa romântica, relacionando-as aos movimentos da demografia e da política no continente após a era napoleônica.²¹ Foi um período de intensiva redefinição das fronteiras internas e externas dos Estados-nação – tal qual sucedeu, no caso brasileiro, durante o processo de avanço das cidades sobre o sertão. O crítico italiano assinala, por exemplo, a abundância de metáforas verificada nos limiares do território conhecido pelos personagens dos romances históri-

¹⁹ Alusão ao conto “O recado do morro”, de Guimarães Rosa.

²⁰ Cf. GENETTE, 1972.

²¹ MORETTI, 2003.

cos de Walter Scott: nas fronteiras gélidas da Escócia, a narração se distende em imagens alusivas aos prodígios do mundo desconhecido. “[...] Perto da fronteira a figuratividade surge: o espaço e os tropos se entrelaçam; a retórica depende do espaço”.²² Riobaldo e suas travessias (sobretudo as do Liso do Sussuarão e do Jalapão) não estão distantes desse universo movente em que a expansão das fronteiras do mundo conhecido conduz a prosa até o limiar da poesia.

Retomando, então, a hipótese de que a polarização entre as categorias “sertão” e “cidade” teve atuação decisiva sobre a geografia do romance moderno no Brasil, proponho que a figuração da integração territorial do país seja considerada uma dominante subjacente à conquista ficcional dos espaços “vazios” do sertão pelo ímpeto demográfico, tecnológico e ideológico das cidades. Guimarães Rosa e Machado de Assis são os casos paradigmáticos e marcos miliários dessa conquista.

Grande sertão: veredas é ao mesmo tempo um apogeu do sertão – a natureza exuberante mas hostil, os conflitos fundiários e as violências políticas típicos do sistema coronelista, a poesia dos mitos e falares capiaus – e um “canto do cisne” do Brasil rural na alta literatura brasileira. De fato, o grande romance épico publicado em 1956 (ano crítico da urbanização e da industrialização, com o início do mandato presidencial de Juscelino Kubitschek e a concepção de Brasília) também poderia, segundo Willi Bolle, denominar-se *Grande sertão: cidades*.²³ Pois a conformação cartográfica dos fatos recontados pelo jagunço Riobaldo mostra que as perambulações dos principais personagens do livro desenham emaranhados de trajetos imprevisíveis entre as veredas de Minas, de Goiás e da Bahia.²⁴ É como se esses caminhos obscuros e frequentemente indetermináveis correspondessem a uma deriva através das ruas de uma *urbs* labiríntica, exploradas pela voz elusiva e digressiva de Riobaldo. Além de determinar a movimentação de personagens e a complexa sequência de peripécias do enredo, a geografia simbólica da travessia, perpassada pela violência do “sistema jagunço”, se imiscui na fala recruzada da narração.

Os efeitos da violência vivida como experiência cotidiana são premissa talvez fundamental da narrativa de Riobaldo, tendo consequências diretas sobre a enunciação de seus atos de fala. De modo contínuo, a prosa de *Grande sertão: veredas* experimenta uma proximidade limítrofe do silêncio da morte, que exerce um efeito desagregador sobre a totalização retrospectiva dos eventos recordados pelo narrador-protagonista. A tentativa de reorganizar em série narrativa os fragmentos estilhaçados pela memória da violência é marcada pela precariedade desde o embaralhado início do romance.²⁵

²² Idem.

²³ Cf. BOLLE, 2004.

²⁴ Cf. CÂNDIDO, 1978; VIGGIANO, 1974; e BOLLE, op. cit.

²⁵ MELO, 2011.

Penso, com Bolle e Walter Benjamin, tratarem-se de índices estruturais de que o sertão no romance rosiano já se apresenta transfigurado pela experiência fragmentária da modernidade em nossas cidades tentaculares, com seus entrecosques de violência – física, política e simbólica – vigorosamente mobilizados na fatura da prosa, conquanto seja um sertão perpassado de elementos mitopoéticos originados dos estratos mais essenciais da topografia mineira. Alfa e ômega da literatura brasileira moderna, a fala riobaldiana é uma síntese inigualada, e talvez inigualável, desses dois mundos.

No entanto, as engenhosas distopias desse grande romance devem ser avaliadas no quadro da intertextualidade geográfica com o livro-irmão, *Corpo de baile*. Narrados em onisciente, aerofotogramétrica terceira pessoa, e ambientados com minúcia de naturalista na mesma região dos maiores episódios bélicos do romance – o noroeste mineiro –, os sete contos²⁶ de 1956 fornecem ao demonismo da fala ao rés-do-chão de Riobaldo um contraponto apolíneo, encenado no mapa pela constelação meticulosamente ordenada dos principais cenários. Em *Corpo de baile*, o dialogismo geodésico entre os planetas ptolemaicos,²⁷ as montanhas e os rios de Minas revela as forças sob as formas das dissonâncias de *Grande sertão: veredas*. Escritos ao mesmo tempo, esses dois livros e seu jogo dialético entre ordem e desordem assinalam a posição de Rosa a cavaleiro entre a vanguarda urbana, cientificista e planificadora, e as vastidões selváticas do sertão. Com seu desaparecimento sob o avanço das cidades já anunciado no horizonte, as paisagens sertanejas foram estudadas por Rosa *in loco*, em cansativas expedições em lombo de cavalo e burro, mas também nas primeiras cartas do Brasil desenhadas por aerofotogrametria (1952-55).²⁸ O buriti e o arranha-céu, o urubu²⁹ e o avião a jato se digladiam, assim, no mesmo projeto de escrita.

Esau e Jacó, no polo espaço-temporal oposto, é talvez o romance da fase madura em que Machado de Assis imerge com maior consequência na geografia do Rio de Janeiro. O escritor converte a cidade em personagem dotado de poderes decisivos sobre a narrativa no período em que a “hausmannização” do centro velho – a demolição do morro do Senado, o aterro do cais do Porto, o avanço sobre as encostas do morro do Castelo, a abertura da avenida Central (atual Rio Branco), a verticalização do Centro, a

²⁶ Ou novelas, ou poemas, ou romances... o escritor cordisburguense gostava de alternar a definição dos gêneros dessas peças ficcionais, como mostram os índices das primeiras edições do livro.

²⁷ Cf. ARAÚJO, 1992.

²⁸ O Conselho Nacional de Geografia, órgão do Executivo federal que deu origem ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, começou em 1948 a empregar equipamentos de fotogrametria em seus levantamentos cartográficos. Com os dados produzidos por estereoscópios embarcados em aeronaves da Força Aérea dos Estados Unidos – que mapearam todo o país como parte de um acordo militar com o governo norte-americano, negociado por João Neves da Fontoura, ministro das Relações Exteriores de Getúlio Vargas e chefe imediato de Rosa nos anos decisivos da escrita dos livros de 1956 –, ao longo da década seguinte o CNG-IBGE produziria os primeiros mapas verdadeiramente acurados do território nacional, desenhados como parte do projeto internacional da Carta ao Milionésimo patrocinado pelas Nações Unidas. Cf. <http://www.cartografia.eng.br/artigos/carto4.php>. Consulta em 24 out. 2013. Uma dessas bonitas cartas (Carinhanha SO, 1952) se encontra no Fundo Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Cf. MELO, op. cit.

²⁹ (URUBU) sua cobertura (os olhos) fotogramétrica de 1:3.000". Nota encontrada entre apontamentos sobre agrimensura no *Ca-derno de Estudos* 23, p. 48, Fundo Guimarães Rosa do IEB-USP.

instalação dos transportes ferroviários³⁰ – começa a instaurar novos padrões de ocupação territorial e, portanto, novos regimes de subjetividade. Trata-se, para citar um exemplo capital, do primeiro romance machadiano em que os personagens se locomovem de bonde, meio de transporte revolucionário para uma cidade ainda acostumada a carruagens e carroças.³¹

À semelhança do romance de Rosa, a cenografia da fabulação de Machado reage às mutações dramaticamente sofridas pelo contexto histórico-geográfico da enunciação. Entre 1871, data da consulta de Natividade à cabocla do morro do Castelo – provavelmente uma emigrante do sertão do “Norte”, então uma designação genérica das regiões Norte e Nordeste do país –, e a primeira metade dos anos 1890, quando termina a cronologia da narração, é a cidade antiga que se despede, como o sertão rosiano, para ceder lugar às planificações da técnica moderna. Ora, naquele período a população do município do Rio de Janeiro se multiplicou na esteira da construção de ferrovias e linhas de bonde e da incipiente industrialização. A cidade partiu de 235 mil habitantes em 1870 para 522 mil em 1890 e 811 mil em 1900.³² A mancha urbana proliferou rumo às zonas sul, norte e oeste, segregadas pelas encostas florestadas do espigão da serra da Carioca e de seus ramais. Foi a primeira experiência de metropolização no Brasil, cuja velocidade pode ser acompanhada quase rua a rua através da sequência de mapas da cidade no Segundo Reinado e no início da República.

Esau e Jacó, que começa no local de fundação da cidadela de Mem de Sá, em 1567, e percorre numerosos logradouros tradicionais do velho centro, remete assim ao desaparecimento do Rio tradicional de Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar (e mesmo o dos romances da primeira fase de Machado), do qual constitui uma espécie de memento: a metrópole suburbana e feérica de João do Rio, Lima Barreto e Coelho Neto pede passagem. Tal como um enxadrista determinando do alto os movimentos de seus trebelhos, Machado demarca os limites entre a cidade velha e a cidade nova por meio do posicionamento – residências, locais de trabalho e lazer, deslocamentos – das personagens no tabuleiro cartográfico da paisagem carioca,³³ que assim se torna o campo de operação de vetores espaçotemporais indicativos das metamorfoses territoriais contemporâneas da enunciação do texto e prenunciadoras da urbanização do país.

Os processos de mútua desterritorialização entre a capital da Colônia e do Império e a renovada capital da República assim se tornam uma instância inarredável dos

³⁰ CARDEMAN, 2004.

³¹ O ensaio de Raymundo Faoro sobre Machado, *A pirâmide e o trapézio*, contém uma excelente seção dedicada aos meios de transporte usados pelos personagens machadianos (FAORO, 1976b).

³² CARDEMAN, op. cit.

³³ Em 1892, no mandato de Floriano Peixoto, Machado foi designado diretor-geral de Viação da Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas do governo federal. Em 1902, assumiu cargo diretivo na Secretaria da Indústria do Ministério da Viação. Em 1904, participou da Comissão Fiscal e Administrativa das Obras do Cais do Porto. Pode-se, portanto, presumir que, além de seu conhecimento geográfico de nativo da cidade, em seus empregos públicos Machado tivesse amplo acesso a plantas e cartas geográficas da capital da República e de outros lugares do país – tal como o diplomata e “sertanista” Guimarães Rosa –, além de projetos de modernização de portos, construção de ferrovias e estradas etc. Cf. “Cronologia” in *Esau e Jacó*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 184-86.

atos de fala do Machado-Aires de 1904. Como Rosa um escritor de fronteira, ancorado no realismo oitocentista mas de olhos postos nos redemoinhos do novo século,³⁴ Joaquim Maria Machado de Assis está como José da Costa Marcondes Aires (morador da rua do Catete e diplomata mediador dos conflitos entre os gêmeos Pedro e Paulo) no ponto médio de uma linha de fuga que une/separa dois mundos: o Rio antigo insulado no morro do Castelo da pobre cabocla Bárbara, prestes a ser demolido, e a cidade nova estendida ao longo da praia de Botafogo do rico banqueiro Santos, a florescente “Barra da Tijuca” de então (FIGURA 1). A composição do livro parece girar em torno dessa dualidade espaçotemporal, rebatida na cadeia de oposições típica das narrativas míticas que também se faz presente no texto: Robespierre e Luís XVI, D. Miguel e D. Pedro I, a medicina e a advocacia, São Paulo e Rio de Janeiro, o Império e a República etc.



Figura 1 – Principais personagens de *Esau e Jacó* num mapa Laemmert do Rio de Janeiro (1864) sobre imagem de satélite³⁵

³⁴ Naquele mesmo momento (1904) Marcel Proust já fermentava a *Recherche* e Albert Einstein estava prestes a publicar a primeira versão da *Teoria da Relatividade*.

³⁵ O mapa foi desenhado a partir do pressuposto de que a mansão de Santos e Natividade se localiza perto do final da praia (próximo à Urca), como se pode inferir do episódio em que o banqueiro vislumbra sua casa ao longe desde o início da enseada, ao retornar do Centro (cap. vi). Por convenção, Aires foi posicionado no ponto médio da rua do Catete, assim como Flora na rua de S. Clemente.

A coincidência cronológica entre a publicação de *Esau e Jacó* e o triste início do fim do morro do Castelo (e, por sinédoque, do Rio antigo) é um testemunho eloquente da importância atribuída por Machado à conquista literária do espaço urbano diante da usurpação de seus lugares identitários pelo rentismo financeiro e beletrístico. Trata-se, em certo sentido, do mesmo movimento de contra-ataque desfechado por Rosa através de Riobaldo Tatarana contra a conversa miúda da narrativa regionalista dominante em 1956, lastro estético da destruição dos lugares e falares de seus sertões mineiros pela banalização uniformizadora da cidade. Os dois maiores romancistas do país avultam sobranceiros no panorama da narrativa nacional, entre outras tantas razões, por sua maestria na sutil arte de incorporar a poesia concreta do contexto geográfico da enunciação às cronotopias narrativas e aos agenciamentos históricos dos enredos. Rosa e o crepúsculo dos deuses do sertão; Machado, o arauto das “coisas futuras” de nossas cidades: separados por meio século e dentro de suas respectivas condições de produção e circulação, esses clássicos ajudaram a demarcar não apenas os territórios da ficção longa brasileira, mas também a própria ideia de território subjacente à integração nacional e à urbanização. O “Rio de Janeiro de Machado de Assis” e o “Sertão de Guimarães Rosa” jamais foram os mesmos depois de seus livros de vanguarda, dispostos na porosa fronteira entre a ficção e a geografia.

No centro operacional de tais intervenções está o mapa, essa ponte móvel entre os espaços simulados dos livros e o mundo chão da realidade – da visão de pássaro do Grande Sertão ao vozerio da *selva oscura* da Grande Cidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *A raiz da alma*. São Paulo: Edusp, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. “Forms of time and chronotope in the novel”. In: *The dialogical imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Livraria Duas Cidades: Editora 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BULSON, Eric. *Novels, maps, modernity: the spatial imagination, 1850-2000*. Londres: Routledge, 2006.
- CÂNDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e antítese: ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- CARDEMAN, David; CARDEMAN, Rogerio Goldfeld. *O Rio de Janeiro nas alturas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder; formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- GENETTE, Gérard. “Espaço e linguagem” e “Figuras”. In: *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GUEDES, Max Justo (org.). *A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922: os 100 mapas mais influentes*. São Paulo: Capivara, 2012.
- HARVEY, David. *Spaces of capital: towards a critical geography*. New York: Routledge, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- HOLSTON, James. *Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia, 2009. v. 2. Disponível em: <<http://catalog.hathitrust.org/Record/005578925>>. (Sertões brasileiros I).
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l'œuvre littéraire: énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993.
- MELO, Érico Coelho De. *Rumo a rumo de lá: atlas fotográfico de "Corpo de baile"*. São Paulo: Biblioteca Digitais de Teses e Dissertações da USP, 2011. Disponível em: <<http://www.theses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-27102011-070145/>>. Acesso em: 26 out. 2014.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo "O espaço iluminado no tempo volteador (*Grande sertão: veredas*)". *Estudos avançados*, v. 20, n. 58, 2006.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- MORAIS SILVA, Antônio De. *Diccionario da lingua portugueza* /. [S.l.]: Lisboa:, 1789. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/nyp.33433075910103>>.
- MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. São Paulo: Arquipélago, 2008.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Trilhas no Grande sertão*. [Rio de Janeiro: Ministerio da Educação e Cultura, Serviço de Documentação], 1958.
- RICÉUR, Paul et al. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1995.
- ROSA, João Guimarães; Bizzarri, Edoardo. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG; Editora Nova Fronteira, 2003.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.
- SERTÃO. In: MORAIS SILVA, Antônio de; BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza / composto pelo padre d. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: Oficina de S. T. Ferreira, 1789. Disponível em: <<http://catalog.hathitrust.org/Record/008619415>>.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- TALLY, Robert T. *Geocritical Explorations: Space, Place, and Mapping in Literary and Cultural Studies*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.
- VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Comunicação; Brasília: INL, 1974.
- WESTPHAL, Bertrand. *La géocritique: réel, fiction, espace*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2007.
- WESTPHAL, Bertrand. *Pour une approche géocritique des textes*. SFLGC (Vox Poetica). Disponível em: <<http://www.vox-poetica.org/sflgc/biblio/gcr.html>>. Acesso em: 26 out. 2014.